



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CÉLIA LIÉSE BRANCÃO RIBEIRO

(depoimento)

2015

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-638

Entrevistado: Célia Liése Brancão Ribeiro

Nascimento: 09/09/1981

Local da entrevista: Porto Alegre – RS

Entrevistadoras: Suellen Dos Santos Ramos e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 26/11/2015

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Suellen Ramos

Pesquisa: Suellen Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 49 minutos e 34 segundos

Páginas Digitadas: 29 páginas

Observações:

A entrevistada não realizou alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa mestrado de Suellen dos Santos Ramos intitulado *Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Como iniciou no esporte; Início no Inter; Como eram os treinos, Salário; Nomes de destaque; Significado que a Duda teve para a equipe do Inter; Campeonatos que jogou; Jogo que mais marcou; Times que jogou; A transferência para a Áustria; Campeonato Paulista; Equipes que jogou na Áustria; Treinadora do Neulengbach; Campeonatos que jogou na Áustria; Como é a iniciação do futebol na Áustria; O retorno ao Brasil; Transição de jogadora para treinadora; Inspirações para a nova trajetória; As diferenças do futebol feminino; Se pretende voltar para o Brasil; Escolha da comissão técnica; Treinadoras mulheres; A mídia na Europa; Se já sofreu preconceito.

Porto Alegre, 26 de novembro de 2015. Entrevista com Célia Liése Brancão Ribeiro a cargo das pesquisadoras Suellen Dos Santos Ramos e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Futebol e Mulheres do Centro de Memória do Esporte.

S. R. – Primeiro eu queria te agradecer por estar cedendo um pouco do teu tempo e por conceder esta entrevista para a gente. E de primeira, eu já queria te perguntar como tu iniciou no esporte?

C. R. – Su¹, eu que agradeço acho muito legal isso que vocês estão fazendo, acho que estava faltando isso para o futebol feminino aqui no Rio Grande do Sul ser mais visto, acho muito legal o projeto de vocês, parabéns! O esporte eu tenho desde que eu nasci, meu irmão jogava, e o meu pai era treinador de um time, então eu lembro de estar em casa sentada, nem caminhando, eu tenho algumas lembranças... Eu me lembro da minha mãe lavando as roupas do time, o meu irmão jogando bola dentro de casa, aí quando eu fui entender... É uma lembrança que eu tenho muito clara, que foi meu primeiro aniversário que *eu lembro* do meu irmão, que a gente fez no zoológico, e ele levou todos os amigos dele e eles jogaram bola lá. E lá eu me lembro, de já jogar... É a primeira lembrança que eu tenho de eu jogando futebol. E então, sempre acompanhando o meu irmão, jogando com os guris no meio da rua, desde pequena mesmo.

S. R. – E como é que foi a reação da tua família?

C. R. – Na verdade Su, eles não esperavam que eu fosse continuar, então, pra eles era tudo legal, enquanto eu estava só brincando na rua foi tranquilo, depois que eu comecei... É que na verdade foi assim, eu me lembro de eu ter um amigo que queria que eu fizesse um teste no Grêmio², eu tinha uns quatorze para quinze anos, eu jogava handebol, na escola, na escola e em um clube na “Ginástica de Novo Hamburgo”³, um clube bem legal. E daí eu lembro que ele falou para mim “vai lá no Grêmio e tal”, e daí eu falei com o meu pai, e o meu pai falou assim, “a gente pode, vamos lá eu levo tu e...” Comigo e com a Pati⁴, pegou o carro e nos trouxe, a gente chegou no Grêmio, e nós fomos muito mal atendidos lá, mas

¹ Suellen Ramos, entrevistadora.

² Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

³ Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo.

⁴ Patrícia Regina Gusmão.

muito mal atendidos. “Não, porque não é assim, tem que saber se elas jogam ou não”, daí o meu pai falou assim, “mas elas podem fazer um treino, um teste, alguma coisa?”, “porque tem que marcar um outro dia e tal” e o meu pai ficou bravo, e não, nós vamos lá no Inter gente, eu não sabia de nada, de nada. Chegamos lá, encontramos a Duda⁵, e foi onde tudo começou. Só que então, quando eles viram que era uma coisa que eu queria vir para os treinos eles começaram a fazer o processo contrário, “que não é assim filha, que tu tens que estudar”, daí ficou a minha mãe do meu lado e meu pai e o meu irmão de outro. Porque a minha mãe falava “bom, foi tu eu levou ela lá, como é que tu quer que ela pare agora?”, e ficou, ficou, ficou. Quando eu acabei a escola, eles queriam que eu fizesse faculdade, e eu sempre falando, “mãe, estudar, eu posso estudar com trinta, quarenta anos, eu quero jogar, eu acho que tenho potencial, primeiro quero tentar ganhar dinheiro com o futebol para ajudar vocês, e com o estudo eu não seria feliz agora, mas com certeza eu quero estudar depois” e não foi tão fácil quanto parece, mas depois que o meu pai e o meu irmão ouviram que era isso que eu queria, eles apoiaram.

S. R. – E como é que foi esse teu início no Inter⁶?

C. R. – Eu me lembro, da gente chegar lá na Duda, eu e a Pati fazermos a escolinha, se eu não me engano nas terças e quintas. E ela tinha recém começado com a seleção no sábado, eram as melhores, se eu não estiver errada, eram as melhores da escolinha treinavam no sábado junto. Então a gente ficou duas semanas, e já imediatamente fomos para a seleção, e se eu não estiver enganada, no ano seguinte já teve um Campeonato Brasileiro Sub-17, eu acho, no Rio de Janeiro em Cabo Frio. E foi assim que começou, a gente ia duas vezes por semana, vinha de Novo Hamburgo⁷ para Porto Alegre⁸ treinava e no sábado, normalmente, a mãe da Pati que nos trazia, então nós estávamos sempre juntas.

S. R. – E já existia equipe adulta do Inter nessa época?

C. R. – Não! Não tinha equipe adulta.

⁵ Eduarda Marranghello Luizelli.

⁶ Sport Club Internacional.

⁷ Município do estado do Rio Grande do Sul.

⁸ Município do estado do Rio Grande do Sul, capital.

S. R. – Só escolinha?

C. R. – Só Escolinha da Duda, aí teve o Sub-17, aí seu não me engano, no ano seguinte criaram a equipe adulta.

S. R. – E tu já começou a fazer parte da equipe adulta?

C. R. – Já fui direto para a equipe adulta.

S. R. – E quantos anos tu tinha, tu lembra?

C. R. – Eu tinha dezesseis, quinze ou dezesseis. Foi em 1997, dezesseis.

S. R. – E em relação aos treinos Li, já na equipe adulta como é que eles eram, com que frequência eles aconteciam, onde eles aconteciam?

C. R. – “Bah” Su, eu não me lembro. Primeiro treinador eu me lembro que era o Padilha⁹, e entrou o Leandro¹⁰, só que eu não sei te dizer se eram todos os dias. Eu me lembro que teve uma época que eram todos os dias, inclusive de amanhã e a tarde. Mas eu não sei te dizer se foi já no primeiro ano, eu sei que era... Não sei te dizer, não vou te falar uma coisa que eu não tenho certeza, mas eu acho que o primeiro ano eram três vezes na semana e depois foram todos os dias. Mas assim, a gente não recebia nada, só depois de um ano ou dois é que a gente começou a receber as passagens e no terceiro ano eles assinaram a nossa carteira lá. Mas quando a gente treinava e não me lembro.

S. R. – E tu lembra quanto que tu recebia para jogar?

C. R. – Eu me lembro que era um salário, na época era uns duzentos e pouco reais, eu acho. E eu me lembro de pegar o salário, e dar todinho na mão da minha mãe pra ajudar, eu só tirava o dinheiro da passagem mesmo, e foi assim que foi, foi bem legal. E ali que o meu pai já viu que era o que eu queria, não porque eu estava ajudando eles, não por isso,

⁹ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰ Leandro Elias.

mas porque eu levava bem a sério, e foi assim. Só que era um salário mais simbólico mesmo, na verdade só para dizer que a gente ganhava alguma coisa, porque chegou uma época que o meu pai me falou assim “não tem mais como te dar as passagens”, e era muito caro a passagem de Porto Alegre a Novo Hamburgo, muito caro, ida e volta mais duas passagens aqui dentro e tudo saía do nosso bolso, então ele falou... Daí a gente conversou com a Duda e ela ajudou por muito tempo, *sem o Inter*, ela *nos ajudou muito* eu e a Pati, ela dava passagem para a gente, não posso falar nada da Duda, porque ela sempre nos ajudou mesmo. Mas, depois que assinaram a carteira melhorou, porque a gente começou a ganhar as passagens mais o salário, daí ajudou bastante.

S. R. – E além da Duda, tu lembra de mais algum nome de destaque que tu tenha jogado, as próprias colegas.

C. R. – Dentro de campo vários, mas fora de campo eu me lembro, claramente, só da Duda, porque ela corria por tudo, acho que muito gente fala muita injustiça dela, com certeza quando tu trabalha com alguma coisa, tu quer ter um retorno, muito gente falava que ela tirava coisas que não tinham nada a ver. Porque depois de um tempo tu começa a entender, porque que ela fazia aquilo. Fora de campo eu me lembro, exclusivamente, da Duda, dentro de campo *muitos nomes* “bah”, Romana¹¹, Tupã¹², Soninha¹³, fora o nosso grupo de jovens, que a gente entrou junto, Pati, Tati¹⁴, Dani¹⁵, Karina¹⁶, Fefe¹⁷, era um grupo bem forte, bem forte.

S. R. – Pelo que eu pude entender vocês eram da nova geração.

C. R. – Nova geração.

S. R. – Porque eu demorei para entender, porque tinha a geração das mais velhas, que era ali a Romana, a Duda...

¹¹ Romana Schmitz.

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Tatiele dos Santos Silveira.

¹⁵ Daniela Magallon.

¹⁶ Karina Balestra da Luz.

¹⁷ Fernanda Portinho Vlasak.

C. R. – Sandra¹⁸ (a Mancha)...

S. R. – Isso a Mancha, essa eu não me lembrava. A Suzana¹⁹?

C. R. – Suzana não!

S. R. – Suzana não.

C. R. – Suzana não, Suzana entrou depois. Tinha a Adri²⁰ que vinha sempre com a Romana.

S. R. – Sim.

C. R. – Eram essas.

S. R. – Sim, e na tua opinião qual o significado que a Duda teve para a equipe do Inter?

C. R. – Olha Su, ela é... Se tu falar em futebol feminino, e falar no Inter, tu tem que falar da Duda, porque se não fosse ela não existiria, simplesmente. Porque ela lutou muito lá dentro, muita gente não queria, muitas vezes eu me lembro dela falar pra gente que ela tinha conseguido patrocínio, mas antes tinha que passar por dentro do Inter, então quase não chegava na gente, mas ela estava lá. Eu acho que eu não seria nada sem ela.

S. R. – E voltando mais para as questões mais estruturais do Inter, tu lembra o que eles cediam para vocês?

C. R. – No começo era só o campo, que era no outro lado lá da Beira Rio²¹, que era bem ruim. E aos poucos a gente foi conquistando, uma ou duas vezes por semana a gente podia usar a fisioterapia. Mas lá dentro mesmo, se eu não me engano era um sábado ou outro que

¹⁸ Nome sujeito a confirmação.

¹⁹ Nome sujeito a confirmação.

²⁰ Nome sujeito a confirmação.

²¹ Avenida Beira Rio.

a gente podia fazer coletivo no campo, nos suplementares lá que eram bons, fora isso eu não me lembro de muita coisa. Depois de um tempo que melhorou, que a gente foi para o futsal, aí a gente podia usar lá também, a estrutura do ginásio...

S. R. – Do Gigantinho²², sim.

C. R. – Mas, não muita coisa.

S. R. – E uniformes, essas coisas?

C. R. – Isso eles davam! Assim, eles davam um, dois pra treino e o de jogo. Essas coisas assim.

S. R. – E tu lembra quais campeonatos tu jogou pelo Inter?

C. R. – De 1997 a 2000 Gauchão²³, se eu não me engano, nesse meio teve duas Copas Sul que era Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, Brasileiro Sub-17, Brasileiro com a adulta eu acho que foram dois ou mais, eu não me lembro, que foi um em Ubá²⁴, foram dois em Minas Gerais e os outros eu não sei, mas foram muitos. Fora torneios que tu joga.

S. R. – Sim, e tu lembra algum que tenha te marcado muito?

C. R. – O Gauchão, não sei te dizer que ano [risos]...

S. R. – [Risos]

C. R. – Que o Grêmio contratou praticamente todas as jogadoras, acho que todo mundo que vier aqui, vai te falar desse jogo, eu não tenho dúvidas que esse foi, eu falo isso para as minhas jogadoras hoje, que não tem como... O Grêmio tinha jogadoras da Seleção, se eu não me engano quatro ou cinco, vieram só para a final, se eu não me engano, primeira final

²² Ginásio Gigantinho, integrado ao Estádio Beira-Rio.

²³ Campeonato Gaúcho de Futebol.

²⁴ Município do estado de Minas Gerais.

no Olímpico²⁵ ganhamos de dois a um, elas melhores, jogando muito mais, a gente ganhou de dois a um. No Beira-Rio²⁶ a gente jogava pelo empate, vinte e cinco do primeiro tempo, três a zero para elas, aí a gente já começou a ouvir que o churrasco estava pronto e tal, o jogo acabou quatro a três para nós. Me lembro que a Duda estava no banco, ela entrou e mudou o jogo, não pelos gols, pelo que ela fez, mas pela atitude mesmo, pela postura, lembro que estava três a zero para elas e a gente virou quatro a três, a Rô²⁷ estando aqui já jogando. É um jogo que eu nunca mais esqueci, aquele Gauchão eu nunca... Eu acho que foi o último, se eu não me engano, ou foi em 2002 ou em 2003, foi um dos últimos. Inesquecível!

S. R. – Todo mundo fala desse jogo [risos].

C. R. – Não tem como, não tem como não falar deste jogo.

S. R. – E Li, tu ficou até o final das atividades do Inter?

C. R. – Sim, 2003. Eu me lembro que o Inter acabou e aí eu fui para Santo Ângelo²⁸ jogar futsal, joguei um Campeonato Brasileiro de Futsal pelo Santo Ângelo, porque o Inter tinha acabado, e aí foi quando surgiu a oportunidade de eu ir para a Áustria. Mas eu fiquei até o final, eu saí um ano, fui para São Paulo joguei um Paulista 2001, voltei depois fui para o Inter de novo.

S. R. – E por qual time tu jogou lá?

C. R. – Palmeiras, a gente foi campeã paulista.

S. R. – “Show” de bola! E tu lembra assim, porque que as atividades terminaram ali no Inter?

²⁵ Estádio Olímpico Monumental, antigo estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

²⁶ Estádio Beira-Rio, estádio do Sport Club Internacional.

²⁷ Rosana dos Santos Augusto.

²⁸ Município do estado do Rio Grande do Sul.

C. R. – Se eu não me engano entrou alguém que não gostava do futebol feminino, e terminou com o futebol feminino, eu não tenho certeza, mas acho que foi isso.

S. R. – Diretor?

C. R. – Algum diretor, alguma coisa. Simplesmente acabaram com o futebol feminino.

S. R. – E como é que se deu essa tua transferência para a Áustria?

C. R. – Na verdade foi através da Rô, o presidente do clube veio assinar o contrato com ela, que ele tinha visto ela no Mundial, ele veio até Porto Alegre, e aqui a Rô já tinha indicado eu e mais uma, e ele pediu para ver um ou dois jogos nossos e a gente conseguiu marcar um amistoso. E ele me viu, e gostou, daí eu já fui.

S. R. – E como foi essa experiência lá? Me conta um pouquinho.

C. R. – Na Áustria?

S. R. – Sim.

C. R. – Cheguei lá... Porque eu fui sozinha, porque a Rô estava na Seleção jogando Olimpíadas eu acho. Não sabia falar inglês, algumas palavras de inglês, nada de alemão e fui com a minha mochila. A minha mãe me fala até hoje que ela lembra de me ver saindo com a minha mochilinha do aeroporto, que ela pensou que eu nunca mais fosse voltar. E se eu for sincera contigo, eu não sei se eu faria isso de novo hoje, porque é bom tu fazer as coisas enquanto tu for nova, porque depois que tu fica velha, tu começa a ter medo. Porque eu fui com um dicionário na minha mão, o meu passaporte e sem saber o que eu ia encontrar, podia ser uma coisa muito boa, como podia não ser. Cheguei em Portugal... Era de Porto Alegre a São Paulo, São Paulo a Lisboa, e Lisboa a Viena. Cheguei em Lisboa e fui presa lá, porque tinham vinte cinco prostitutas entrando, e eu mulher, sozinha... Ainda bem que era em Portugal que eu falava português, perdi o voo, não sabia como fazer para trocar, nunca tinha saído de casa, do Brasil, aí tu sente vontade de voltar, eu não falei nada

para a minha mãe, não falei nada para ninguém, ela só se preocupou porque eu não cheguei lá, como eu não cheguei na Áustria eu não liguei.

S. R. – Sim.

C. R. – Então eu tive que trocar o voo, quando eu cheguei lá tive que mandar um “email” para o cara de lá, dizendo que eu ia chegar depois, tudo isso sem saber falar inglês e alemão, só algumas palavras. Aí eu já tremi, falei assim “meu Deus será que eu estou fazendo a coisa certa?”, mas quando eu cheguei lá, foi muito mais do que eu esperava, estrutura, tudo, e pessoalmente, uma coisa que talvez a gente nunca viva aqui no Brasil, pela cultura que a gente tem, infelizmente, mas o jeito que eles levam a sério, se eles te prometem isso, hoje é isso, se o treino começar às sete horas, não vai começar as sete e um, *vai começar às sete horas*. Se sai para o jogo tal hora, é essa hora que vai sair para o jogo, se tu fala que vai para tal lugar, tu tem que ir. Então foi um choque de cultura, foi um choque, mas para um lado muito positivo, claro que foi bem difícil “né” Su, tu imagina tu chegar lá, sem saber me comunicar com ninguém, fui obrigada a aprender alemão, eu aprendi alemão em seis meses, isso é muito difícil. Porque eu *tinha* que fazer isso, a treinadora na época me ajudou muito também, ela fazia eu chegar nos treinos com dez frases novas todo dia, isso tudo só com um dicionário na mão e um livro. Sabe eles quiseram me pagar curso, só que o curso ensinava a gramática e tu pensa uma pessoa aprender gramática, sem saber uma palavra, não tinha como. O curso é para quem já tem alguma coisa, depois de um tempo eles falaram assim “agora tu consegue aprender isso”, agora não preciso mais, agora eu já sei. Sabe, mas... Eles quiseram ajudar nisso, mas não tinha como, porque eu não sabia falar nem “obrigado”, nem “de nada”. Então o que é que eu iria fazer no curso? Se eu soubesse um pouquinho do inglês aí sim, porque os professores falavam em inglês também, mas para mim não adiantou muito. Mas foi ótimo, o que eu aprendi lá em seis... Porque a Rô chegou depois de quatro meses, então quatro meses eu fiquei totalmente sozinha lá, sem televisão, sem telefone e sem internet, eu mandava carta para a minha mãe. Pensa em 2004, na minha casa a gente não tinha computador...

S. R. – Sim.

C. R. – Lá eu também não tinha nem um computador, nem dinheiro para comprar nada, então, eu só mandava carta e demorava e a minha mãe falou “que ficou muito preocupada comigo quando eu mandei a quarta carta”, porque ela disse que eu estava falando nada com nada em português, quando eu cheguei em casa e li a carta, eu acho que estava misturando a gramática do alemão com a do português. Su tu não consegue ler a carta, ela falou “que quase mandou o meu irmão ir me buscar”, porque ela não estava conseguindo ler a carta e não sabia o que estava acontecendo. Mas foram... Depois tu acaba rindo, tipo coisa de mercado, eu ia para o mercado ficava esperando me darem a sacolinha, e lá tu tem que levar a tua sacolinha de casa, coisas engraçadíssimas que tu fica sem... Sabe? É difícil no começo, tu passa muita vergonha, mas tu tem que encarar. Tem que encarar!

P. J. – E como desenrolou essa confusão do aeroporto?

C. R. – Eu troquei a passagem lá, mandei “email”... Sabe quem que me ajudou também? Eu mandei “email” também para o *Ciro*²⁹ que era treinador do Inter, que era o último treinador, para ele me ajudar a escrever em inglês para o diretor lá, expliquei, mostrei meu contrato, só que... Eles não fizeram nada de ruim comigo, só que me deixaram esperando muito tempo, porque eles tinham que entrevistar uma por uma. Então eu perdi tudo, e sem comer, fiquei quase dezoito horas no aeroporto. Eram trinta e cinco mulheres, pensa? Até eles olharem cada uma, então, eles não tiveram muita culpa, mas fui tratada que nem cachorro lá. É difícil “né”, imagina, então, ele mandou email para ele, daí ele pediu o horário e eu consegui trocar, daí eu consegui trocar sem precisar pagar, porque eu não tinha dinheiro e nem cartão de crédito, pensa se eu precisasse? Mas deu tudo certo.

P. J. – Quando tu falou que jogava futebol...

C. R. – Eu mostrei o contrato que eles me deram, eu já saí daqui com o contrato, essa foi a minha sorte, saí com o contrato, daí eles ligaram, a polícia ligou para o diretor, perguntou se era isso mesmo, aí deu tudo certo.

P. J. – Tu comentou que jogou o campeonato de 2001, o Campeonato Paulista.

²⁹ *Ciro Leães.*

C. R. – Isso.

P. J. – Pelo Palmeiras, a gente lê muita coisa, que na época teve uma série de regras para as mulheres que jogavam esse campeonato, tu chegou a acompanhar alguma coisa disso?

C. R. – Sim, a gente teve que fazer primeiro testes, eles pegavam várias jogadoras, e depois eles dividiram as melhores para cada time, mas tinha umas regrinhas de ter que ter cabelo comprido, um absurdo. Eu peguei essa época, eu estava lá.

P. J. – Conta um pouquinho para a gente como que foi.

C. R. – Eu não sei te dizer muito o que aconteceu, mas eu sei o que eu ouvi. Que tinham jogadores excelentes, que tinham cabelo curto que não passaram, simplesmente, não passaram. Depois entrou alguns técnicos, com os treinadores e foram em cima da Federação, conseguiram... Mas, depois que os times já estavam estruturados, eu me lembro dá gente já estar treinando a um ou dois meses e algumas vieram. Mas foi bem feio.

P. J. – E esse teste era na equipe?

C. R. – Não, foi um teste no Pacaembu³⁰, se eu não me engano, todo mundo tinha que ir lá e tinham vários olheiros, e tinham que fazer jogos onze contra onze, e de lá eles tiravam algumas. Foi assim.

S. R. – Aí os dirigentes das equipes ou os técnicos escolhiam vocês?

C. R. – Eles não escolhiam, eles falavam as preferências deles. Mas, foi tudo a Federação que escolheu, mas isso aí Su, a jogadora ficou com o treinador que queria, isso foi uma palhaçada, uma palhaçada, foi bem...

P. J. – E a questão também de uniforme, ou alguma coisa assim tinha?

³⁰ Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, conhecido como Estádio Pacaembu.

C. R. – A gente jogava com um calção até aqui assim. Eles queriam fazer... Que se pudesse que a gente jogasse de biquíni eles... Aí muitas jogadoras da Seleção foram contra também, aí entrou mídia eu acho, e eles deram uma segurada. Mas, foi bem... Eu me lembro de ter que jogar com o (calção) térmico porque o calção não tinha como, ia aparecer tudo, se eu olho as fotos hoje era horrível gente, parecia que eu estava de calça e... Mas, a gente jogava com um térmico grande, porque o calção era aqui em cima, camisa coladinha. Tudo coisas que... Nada a ver com o esporte.

P. J. – E tinha alguma preparação antes dos jogos, tinham que se arrumar para entrar em campo o algo assim?

C. R. – Não, isso não, isso eu não me lembro. Até porque eu peguei um treinador muito bom, foi um dos meus melhores... Foi o Tchelo³¹ então ele não... Com ele não tinha isso, ele foi muito contra a Federação, ele lutou muito contra, assim, depois que a gente foi para os times foi bem tranquilo, mas antes foi cruel.

S. R. – Liése, voltando para a Áustria, em quais equipes tu jogou lá?

C. R. – Só em uma, eu joguei no Neulengbach³² de 2004 a 2012, voltei um ano e fiquei meio ano no Botucatu³³, meio ano na Ferroviária³⁴, voltei aí sim eu joguei três meses em um outro time, o Landhous na Áustria, mas rompi o cruzado, daí eu parei, parei não, eu fui obrigada, aí quando eu estava lá, nesse tempo... Porque o campeonato lá começa em junho, o primeiro turno e acaba em novembro, aí depois de março a julho, e em março, eu me machuquei, se eu não me engano. Então, o Neulengbach, eles nunca quiseram que eu saísse de lá, mas depois para eu voltar eles já tinham seis estrangeiras e não tinha mais como. Então, por isso que eu voltei para o outro time.

S. R. – Sim.

³¹ Nome sujeito a confirmação.

³² SV Neulengbach.

³³ ABD Botucatu.

³⁴ Associação Ferroviária de Esportes.

C. R. – Eles sempre gostaram muito de mim, e quando eles viram que eu me machuquei ele me chamaram para ser treinadora do time “B” no Neulengbach, o time júnior que até que é... Na verdade não são só “gurias” novas, são as “gurias” que não jogam no time “A” no final de semana, fora os novos talentos. Eu estava operada e fui, porque na época o treinador tinha caído lá e eu falei “com certeza eu vou ajudar”, mas era só até junho, aí quando chegou junho eles quiseram que eu continuasse como treinadora lá, do time “B”.

S. R. – Sim.

C. R. – Aí eu fiquei o ano todo de... Nós estamos em 2015, 2013 para 2014 eu fiquei como auxiliar do time “A”, e treinando o time “B”, e agora eu estou treinando o time que joga a “Bundesliga”. Estou tirando lá as licenças que precisam, eu ainda não posso assinar como treinadora, então no papel é uma outra treinadora que assina, mas sou eu que faço tudo.

S. R. – Tu é a treinadora do time “A” hoje lá em Neulengbach?

C. R. – Sim, eu só posso assinar como treinadora depois que eu tiver a licença “B”, eu estou na segunda, então, ainda falta mais duas. E as licenças lá é como se fosse uma faculdade de futebol, porque o que eu aprendi na primeira licença que é para trabalhar com crianças até doze anos, coisas que eu não aprendi na faculdade aqui em fisiologia, tudo pega tudo, tudo voltado para o futebol Su.

S. R. – São cursos? Tu diz licenças...

C. R. – É, são as licenças da UEFA, é a “C”, começa na... Eu não sei como é que fala em português, de criança, aí vem a “C”, a “B” que te dá direito a treinar times profissionais e vai até a “Pro” que te dá direito a treinar seleções. É faculdade de futebol isso.

P. J. – Tem quanto tempo de duração esses cursos?

C. R. – O primeiro que eu fiz, eu tenho a prova agora, do segundo eu fiz... É assim, tu vai para um lugar, tipo um centro de treinamento e tu fica dez dias lá com palestras, aulas das oito horas da manhã as dez horas da noite, teoria e prática, teoria e prática, ali tu já tem

provas práticas, dez dias seguidos é como se equivalesse a quase um ano de faculdade aqui. Por que pensa, das oito as dez, aí tu tem que... E depois, disso tu tem que fazer seis meses de um estágio em um time, que eu fiz em um time sub-12 de “guris”, tu tem que documentar cada treino, e documentar é falar porque tu está fazendo esse treino, tudo bem especificado. Daí tu entrega essa documentação, aí depois tu faz uma prova final e daí tu pode passar. Bem específica, bem complexa.

S. R. – Chata “né”.

P. J. – Todas tem o mesmo período de duração?

C. R. – Não, a licença... Que nem, a primeira tem uma duração de seis meses de estágio, a licença “C” já é oito meses, a licença “B” é um ano que tem que fazer de estágio, aí já vai aumentando, até a “Pro”. A licença “Pro” tu tem que sair do país e acompanhar times profissionais masculinos, uma ou duas semanas dentro desse time profissional. Para tu tirar, é assim.

P. J. – E essa licença te dá direito para treinar times de mulheres ou de homens, ou dos dois?

C. R. – Dos dois, não tem mulher e homem.

P. J. – Não tem diferença?

C. R. – Não, tem de seleções e de times profissionais, mas mulher e homem não tem diferença. Que nem se eu fizer a licença “B”, eu posso treinar tanto o time profissional masculino como o feminino.

P. J. – Sim, “show”.

S. R. – Voltando só um pouquinho para a tua época de jogadora ali na Áustria, tu lembra quais campeonatos tu jogou?

C. R. – Sim, primeiro... Eu cheguei lá e fui direto jogar, meu primeiro jogo foi uma final de Super Copa, que era o campeão da Copa contra... Eu não sabia! Pensa em um estádio grande... Falaram assim “a gente tem jogo hoje”, “tá bom”! Pra mim, eu estava chegando, pensei “pré-temporada”, não sei. Porque eu sabia que o campeonato começava em agosto e eu cheguei em junho ou julho. “A gente tem jogo no final de semana em um estádio legal”, e eu “tá bom”. Cheguei lá, um baita de um estádio, umas dez mil pessoas, porque era preliminar de um jogo masculino, porque normalmente não são tantas pessoas, “tá, vamos jogar”, jogo pegado, elas pegando e eu falei “mas meu Deus, não pode ser”, o jogo foi um a um, dois a dois, dei um passe para um gol e fiz um gol. Acabou o jogo, pênalti, eu falei “está acontecendo alguma coisa, não é possível, o que está acontecendo aqui?”, “É final!”, “É final do que “gurias”, do que vocês estão falando, que final é essa?”, “É final da Super Copa, é o campeão da Copa contra o campeão da Bundesliga”. Quando eu cheguei lá no Neulengbach, time que eu joguei por dez anos, ele nunca tinha ganhado a “Bundesliga”, eles tinham ganho a Copa, e tinha um outro time que tinha ganho doze vezes seguidos, então eles estavam recém começando o Neulengbach. Fomos para os pênaltis, e ganhamos. Aí eu já senti, meu Deus do céu, como é que eles não me falam uma coisa dessas eu não tinha nem noção [risos]. Aí depois que a gente chegou lá, a gente ganhou todos os campeonatos austríacos, todas as Copas da Áustria, e participamos de todos os anos da “Champions League”, e todos os anos chegamos entre os dezesseis, duas vezes chegamos entre os oito melhores.

S. R. – Da “Champions”?

C. R. – Sim.

S. R. – E a “Bundesliga” ganhou quantas vezes?

C. R. – Todas que eu estive lá, de 2004 a 2012, oito. Todas, Copa também, foi muito legal, muito legal.

S. R. – “Show” de bola.

C. R. – Era um time, e só um time que ganhava, então, a gente chegou lá e do nada mudou tudo sabe? Foi bem legal.

P. J. – E tem “gurias” que tu treina hoje que já jogaram contigo?

C. R. – Tem uma... Duas, duas.

P. J. – E daí tu sabe que é um pouquinho diferente, como que é essa relação entre vocês?

C. R. – É bem difícil.

P. J. – De colega para treinador.

C. R. – É bem difícil. Porque tem também aquela questão de hierarquia, e para tu respeitar uma “guria” que jogou contigo é diferente do que respeitar um treinador, mas elas são... Uma, ela é meio difícil, porque ela nasceu dentro do clube e a primeira coisa que eu fiz foi tirar ela do time. Então, foi bem complicado, bem complicado, eu acho que ela não tinha condições, eu achava que uma “guria” de dezoito anos estava melhor que ela e eu tinha que colocar para jogar, como que eu ia explicar para a “guria” de dezoito anos que ela não ia jogar se ela estava melhor? Daí eu sentei, conversei com ela, falei que ela era importante, tanto que ela fez quase todos os nossos gols até agora entrando no segundo tempo, ela não tinha mais condições mesmo, não porque ela tenha mais idade, mas porque ela sempre foi lenta e ela ficou um pouco para trás, eu tentei colocar isso... Foi difícil motivar ela, só que eu não queria perder ela, porque eu sabia que ela ia ser importante em tal momento, só que ela não tinha condições de começar o jogo, então no começo foi bem complicado, e a direção conhecendo ela vinha toda hora em cima de mim, a pior coisa é que tu tem que dar explicação para as pessoas que não entendem de futebol. Quando a gente fazia reuniões da comissão técnica, ficava discutindo três, quatro horas, pra mim tanto faz eles estão discutindo comigo, eles sabem. Só que tu dar explicação para diretor, que não entende futebol, isso cansa, isso estressa, daí eles “não, porque a gente não quer se meter no teu trabalho”, falei “mas já estão se metendo”, já estão se metendo, por que... “Não, porque o time que acaba o segundo tempo está fazendo mais gol”, eu falei assim “com certeza, se eu começar com o time que acaba o segundo tempo, a gente perde de cinco a zero”, “não,

por que...”, “se vocês querem é assim, se não vocês podem procurar outro treinador, porque o meu jeito de trabalhar é assim”. Foi bem difícil, mas está dando tudo certo, porque quando eu entrei agora, no meio do ano, o Neulengbach quebrou, porque o ano que eu não joguei, 2012, 2013, elas perderam, e perdendo tu não ganha o dinheiro da Federação, que são cento e dez mil euros. Então quebrou e todas as estrangeiras foram embora, ninguém mais quis ficar no Neulengbach, que daí foi quando eu assumi. Porque ninguém, nem treinador mais queria ficar. Fiz um projeto para três anos, no terceiro ano eu queria ser campeã de novo, aí o difícil foi conseguir jogadora, porque foi uma situação bem ruim, como acabou o Neulengbach, o último diretor roubando dinheiro, não pagando as “gurias”, então para eu chegar em uma jogadora e falar “vem, vai dar tudo certo”, foi muito difícil. Daí eu falei, o meu projeto é para três anos, e eu quero trabalhar só com as “gurias” novas e quero só três acima de vinte anos, que era uma “guria” que estava lá, uma que jogou comigo que *não é boa*, eu quis ela pelo caráter dela, porque eu sabia que ela ia me ajudar não que ela é ruim, mas não é excelente, então, eu pedi para que buscarem ela no outro time. E falei “quero essas, essas e essas” e eu que fui atrás das “gurias”, porque elas sempre confiaram muito em mim, elas eram minhas jogadoras do time “B”, mas elas saíram também quando viram que não ia dar mais nada certo, eu falei “‘gurias’ é assim, vocês não tem pressão nenhuma, a gente vai jogar dois anos, eu quero que vocês aprendam”, e todo mundo falando que o nosso time ia ser rebaixado, então, a gente acabou o primeiro turno em segundo, classificados para as quartas da Copa. Mas, é uma coisa que eu tenho muito medo Su, porque elas... Eu falei “o nosso projeto é para três anos”, se acontecer antes melhor, só que elas viram que dava para ser antes, porque elas são muito talentosas, só falta experiência, a gente perdeu cada jogo que a gente não perderia se elas fossem uns três anos mais velhas, normal, totalmente normal. Só que o problema é que elas estão ficando frustradas quando a gente perde. E isso é difícil de trabalhar com elas, elas não tem que se frustrar, o projeto é para três anos, elas estão aprendendo sabe, então, elas ficam frustradas e isso ficou bem difícil a primeira vez que a gente perdeu. A gente perdeu por um time que a gente poderia ter ganho, então é bem difícil de trabalhar com jogadoras mais novas, por causa disso, porque elas não tem experiência e elas não sabem, “a porque que não deu certo agora”, calma não é assim, mas graças a Deus está dando tudo certo, está todo mundo muito feliz, só que a média de idade é de dezoito anos, a capitã tem vinte e seis essa que eu busquei, e a que jogava comigo tem trinta e dois, fora isso tudo “gurias” novas.

S. R. – Bem novinha.

C. R. – Bem legal, mas só talento também Su, nossa elas jogam demais, o que falta é experiência mesmo. Tudo que a gente está conseguindo é por mérito delas, porque elas são boas, eu sempre acho que no feminino o que tu precisa é de um treinador que não atrapalhe.

S. R. – Sim [riso].

C. R. – Tu conhece treinadores que se preocupam com quem é que saiu, ele se preocupa em olhar no “whatsapp” a última hora que ela esteve “online”, várias vezes. Eu tive treinador que recolhia celulares, para, se tu tem um time bom com talentos, tu só precisa de alguém que não atrapalhe. Claro que a gente trabalha muito, os treinos eles queriam... Porque não tinha dinheiro, eles queriam treinar só três vezes por semana, eu disse “não, a gente vai treinar todos os dias”. Eu vou um dia, três vezes por semana que a gente treina junto daí é no clube e os outros dois dias eu vou um dia em lugar e eu pego dois grupos, mas eu quis treinar todos os dias, trabalho não é Su? Nada se ganha assim.

S. R. – E Li, como é a iniciação delas?

C. R. – Assim, elas jogam com “guris” até os quatorze anos. Porque lá na Áustria tem uma regra, se é sub-12, pode jogar a “guria” de treze anos, a “guria” pode jogar um ano a mais, até o sub-14 pode jogar uma “guria” de quinze anos, aí quinze anos elas começam no time, só que eles tem um projeto bem legal, que é a seleção permanente, só que seleção de base permanente, elas começam com quinze anos as melhores entram para esse centro, é um centro de treinamento, e elas ficam lá até acabarem a escola, elas estudam lá, fazendo tudo lá, treinam com o treinador da seleção de manhã, todos os dias, então as melhores... Eu tenho seis jogadoras do centro e com elas eu não preciso treinar separado, porque elas treinam já muito lá. As vezes eu tenho até que diminuir o treino delas com a gente, é fantástico, só que para os clubes isso é bem ruim Su, porque com elas a gente treina duas vezes juntas só, a parte tática é bem difícil, mas pra elas é excelente isso, elas ficam dos quinze anos até acabar a escola, elas ficam uns quatro ou cinco anos lá, é a seleção sub-15,

sub-17 e sub-19. As outras não, as outras vão para escola normal, e voltam para os treinamentos do clube, mas sempre com os “guris” lá também.

S. R. – E voltando... Retomando um pouquinho, tu saiu de lá e voltou para o Brasil?

C. R. – Sim, em 2012.

S. R. – E porque tu resolveu retornar?

C. R. – Por que a gente queria alguma coisa nova Su, eu estava um pouco cansada, muito tempo, já não estava... A gente sempre ganhava, então estava faltando. E eu gosto muito de desafio, e eu estava com saudades de casa, já queria fazer minha vida aqui. Só que não... Para mim depois que eu voltei e fui para São Paulo, e estar em São Paulo e estar na Áustria era a mesma coisa, agora tu pensa, estar em São Paulo morando em uma casa com vinte e cinco, sem higiene nenhuma, sem ganhar bem, qual a diferença de estar na Áustria um lugar tranquilo, tendo o teu apartamento, talvez ganhando agora como treinadora não tanto, porque eu não tenho as licenças, mas o que é que vale a pena? Quando eu estava em São Paulo e vinha para casa uma vez por ano, quando eu estava na Áustria eu vinha duas, claro acontece alguma coisa com os meus pais ou alguém da minha família uma hora e meia eu estou aqui, é diferente. Mas, eu falei mãe “não tem condições, para que? Então eu volto para casa, eu volto para o Sul e vou trabalhar e estudar”, mas eu queria jogar, queria muito jogar ainda, então, não acho que foi uma coisa errada, acho que a gente teve que fazer isso, porque eu dei mais valor para o que eu tinha lá, mas se fosse hoje eu não teria voltado.

S. R. – Tu chegou a jogar algum campeonato aqui?

C. R. – Sim, joguei o paulista pelo Botucatu.

S. R. – Sim.

C. R. – INAF talvez pelo Botucatu, e pelo Araraquara³⁵, só que pelo Araraquara eu saí no meio do caminho já, quis sair, porque eu não aguentei ficar lá.

S. R. – Daí no teu retorno teve toda essa questão de tu te lesionar, como é que foi essa transição de jogadora para treinadora?

C. R. – “Bah” uma vez eu ouvi uma coisa que é bem verdade, jogadora de futebol morre duas vezes, e até hoje eu sou infeliz eu não sou feliz completamente, porque me falta o futebol. Hoje eu estou conseguindo depois de um jogo que a gente ganha ficar feliz assim “ai que legal a gente ganhou”, mas o sentimento que eu tenho, que eu tinha depois de um jogo talvez eu nunca mais sinta isso. É que o que me incomoda é que não foi uma coisa que eu decidi isso me incomoda muito, e por muitas vezes eu luto ainda, porque é que eu não volto, porque que é que eu não volto, para eu decidir isso. Porque foi uma coisa bem difícil, foi um ano e meio que eu fiquei bem mal, bem mal. E eu não ganhei a fisioterapia no time que eu estava, porque não era o Neulengbach, era um outro time da primeira divisão lá, só que... Eu tive que pagar as minhas cirurgias, não me deram nada.

S. R. – Sim.

C. R. – Não tive como pagar a... Eu me opereí, e depois de dez dias eu vim para casa, fiz um mês de fisioterapia aqui, aí já tive que voltar para assumir o time lá como treinadora. Então não tive como fazer fisioterapia, até hoje eu tenho limitação, faz um ano e quatro meses que eu opereí. Então assim, me incomoda porque não foi uma coisa que eu escolhi, não foi uma coisa que eu planejei, eu planejava isso para daqui três, quatros anos, e aconteceu sabe, e foi no susto. E é uma coisa que... A minha vida inteira fiz isso, eu sinto muito falta do futebol, mas *muita falta*, e talvez isso me faça ser muito chata nos treinos, porque eu não consigo ver alguém que não “dá” tudo no treino, sabendo que eu queria estar lá, eu sempre fui... Sabe Su, tu me conhece, eu nunca fui um talento, sempre fui muito esforçada, eu sempre gostei muito de treinar, eu gostava mais de treinar porque eu sabia que se eu treinasse, quando eu chegasse no jogo seria tudo mais fácil. E isso eu exijo muito das minhas jogadoras hoje, e eu não admito alguém não dar 100% (cem por cento) no jogo, porque eu queria muito estar fazendo aquilo ainda, claro que elas não entendem isso ainda,

³⁵ Associação Ferroviária de Desporto.

eu que... Dez anos atrás também iam falar “cala a boca, o que tu está falando”, elas são novas, mas isso me fez ser um pouco dura assim, talvez até demais, tem horas que eu falo “calma”, porque tem horas que eu exijo muito delas. Mas é um buraco que eu não sei se... Espero que um dia feche, mas...

S. R. – Mas tu pretende voltar a jogar?

C. R. – Agora não, não tem porque “né” Su, está dando tudo certo de uma outra forma.

S. R. – Sim.

C. R. – E também, voltar por voltar. Qual time na Europa daria um contrato para uma jogadora de trinta e quatro anos, voltando de cirurgia. E eu sou muita exigente, se é para voltar tem que ser com qualidade, minha, eu não sei se eu conseguiria jogar no mesmo nível, então ou eu faço uma coisa bem feita ou então não faço, eu não gosto.

S. R. – E nessa tua nova trajetória, como treinadora tem alguém que te inspire ou te inspirou, tu trás alguma coisa daqueles treinadores lá...

C. R. – Muita coisa, tem muitos treinadores na minha cabeça, tem o Rui³⁶ que foi um treinador excelente que eu tive no Inter, eu tenho um pouco de cada um sabe, tipo o Rui quando eu penso em treinamento tático eu penso muito nele, nas coisas que eu aprendi com ele, teve o Leandro que ensinou muito da parte emocional, mas eu tenho assim muito claro na minha cabeça, foi a minha treinadora da Áustria. Porque eu me lembro de chegar lá e não gostar dela, dos treinos dela, adoro ela como pessoa, mas os treinos eu achava bem fracos, porque eu estava acostumada com os treinos do Brasil e depois eu fui ver que na Europa toda é assim. Mas ela tinha o time dela na mão o tempo inteirinho, ela sabia fazer isso, isso eu preciso muito para trabalhar na Europa, e se eu voltar para o Brasil eu vou ter que perder isso totalmente, porque é totalmente outra cultura. Mas, para trabalhar lá eu me lembro dela todos os dias, o jeito... Agora eu comecei a entender porque ela... Eu não admitia que ela tirava a jogadora do treino, a jogadora preguiçosa e agora quando tu começa a ver, tipo para elas não é uma profissão, isso é mais “hobby”, elas ganham por

³⁶ Nome sujeito a confirmação.

isso, mas elas não tem... Na cabeça delas lá, elas têm que estudar e trabalhar, todas lá trabalham e estudam, a gente treina a noite. Por mais que elas ganhem dinheiro é “hobby” isso para elas, e eu não entendia aquilo na época quando eu jogava com ela “porque que ela tirou ela”, “a “guria” é preguiçosa não quer fazer nada”, a “guria” tinha trabalhado o dia inteiro. Então, eu tenho ela muito assim, ela é *uma excelente pessoa*, um caráter, gosto muito dela. Vira e mexe quando eu me sinto apertada, ligo para ela “a gente pode se encontrar?”, a gente está sempre se encontrando.

S. R. – Então as jogadoras lá, tem uma renda extra, digamos assim, trabalhando...

C. R. – Sim, na verdade elas nem jogam por causa do dinheiro, elas nem precisariam do dinheiro, porque a qualidade de vida lá é muito boa sabe Su, todos têm dinheiro, todos têm. Elas fazem porque elas gostam, menos as estrangeiras, as estrangeiras sim, elas estão lá por dinheiro. Mas no nosso time agora, como quebrou a gente não tem nenhuma estrangeira.

S. R. – E tu em algum momento da tua carreira, desde lá do Inter até agora na Áustria, tu conseguiu te sustentar só jogando futebol?

C. R. – Sim, eu consegui construir uma parte da casa dos meus pais, consegui um bom... Quando estava jogando na Áustria conseguia pagar o plano de saúde dos meus pais, consegui juntar dinheiro para comprar um apartamento, me sustento disso. Hoje eu não ganho tão bem, mas não devo para ninguém Su, claro que tem coisas que não posso fazer que eu fazia antes, mas tudo é questão de programar “né”.

S. R. – Sim.

C. R. – Agora o objetivo é outro, é estudar, daqui a um tempo... Tem que ter paciência... Até quando eu jogava no Inter ou no Palmeiras eu sempre vivi com o pouco que eu tinha, eu sempre tive uma coisa na minha cabeça, não importa o pouco que eu ganhe, sempre guardava 40% (quarenta por cento) do meu salário. Se eu ganhasse duzentos reais, e guardava quarenta por cento, se eu ganhasse mil reais eu guardava quarenta por cento, a minha vida inteira eu fiz isso, então eu consegui guardar bastante. Mas, tudo assim, agora sim tenho o apartamento... Não tem mais nada assim, de dinheiro guardado, eu comprei

tudo que eu precisava, mas agora eu estou vivendo com o que eu ganho mesmo, mas sempre sozinha e algumas vezes eu consegui ajudar a minha família.

S. R. – “Show”. E tu almeja chegar no nível “Pro”, que tu falou?

C. R. – Sabe Su, eu ainda estou naquelas na minha cabeça, eu ainda estou um pouco como jogadora, então, eu fui empurrada nisso, eu fui empurrada, agora eu estou pegando o gosto, claro que se eu me conheço eu não vou querer parar antes disso. Mas, bem de vagar a minha cabeça não está... Muito recente “né” Su, eu comecei agora, está muito recente para a minha cabeça com certeza, para a minha cabeça agora é fazer a licença que eu preciso, até que eu preciso, mas se eu me conheço eu não vou parar por aí, acho que eu vou continuar.

S. R. – E tu nota alguma diferença do futebol feminino aqui de quando tu jogava e para agora?

C. R. – Tu está falando estrutural?

S. R. – De todas as maneiras, estrutural... Principalmente estrutural.

C. R. – Sabe Su, é que a gente foi criada aqui no Rio Grande do Sul, e aqui nunca foi bom, então, na verdade eu só consegui ver como era em São Paulo agora quando eu voltei para São Paulo. E eu não sei te dizer se lá sempre foi assim, então aqui no Sul *piorou*, porque antes pelo menos tinha Inter e Grêmio, tinha time de Pelotas³⁷, time de Rio Grande³⁸ que eram bem bons, eu não vejo mais isso no Gauchão aqui agora. Só que em São Paulo quando eu fui jogar no Palmeiras em 2001, e quando eu fui para a Ferroviária em 2012 foi à mesma coisa, a mesma coisa, não mudou nada. Se bem, que eu tenho que falar que *em São Paulo é muito melhor que aqui*, não se compara, não se compara, é muito melhor que aqui é muito mais estruturado, tem ônibus para levar para o treino, alimentação por mais que não seja a ideal, mas tem. Aqui a gente nunca teve isso, o Rio Grande do Sul está bem atrasado, bem atrasado, talvez isso nunca aconteça. Até porque, aqui no Rio Grande do Sul

³⁷ Município do estado do Rio Grande do Sul.

³⁸ Município do estado do Rio Grande do Sul.

a gente... A nossa cultura é diferente dos outros estados, quando tu viaja assim, é que tu vê, somos bem mais conservadores, não sei, eu acho que é um estado bem machista.

S. R. – Tu acha que é isso que se deve essa...

C. R. – Acho que sim, até porque fomos colonizados por europeus e tem muitas pessoas que tem a mentalidade europeia aqui, então não sei se um dia vai melhorar, eu espero que sim, espero muito que sim porque talento tem de sobra aqui, as jogadoras boas estão em São Paulo, claro elas tem estrutura lá, elas treinam, me diz qual jogadora que treina cinco vezes na semana, três vezes por dia, *ninguém*. Põe uma das jogadoras daqui para fazer isso para tu ver, só que estamos muito atrasados aqui no Rio Grande do Sul, mas *muito* e eu tenho medo de nunca mudar. Porque olha só, se eu comecei em 1997, deu uma melhorada, desde 2013 eu vejo Gauchões, mas não vejo times preparados, eu não vejo times treinarem como a gente treinar antes no Inter e Grêmio, não tem. No futsal sim, no futsal deu uma melhora, se bem que agora caiu de novo.

S. R. – É aqui sim.

C. R. – Mas, eu não vejo melhoras.

S. R. – E tu vê isso lá na Europa também?

C. R. – Na Europa tu vê melhora em tudo, eles fazem projetos Su, agora tudo lá é projetado, nosso time já tem amistosos marcados para três anos. E tu vai marcando amistoso conforme o teu projeto, quero daqui três anos ser campeão, então, os meus amistosos para o terceiro ano são com os times mais difíceis do que agora, é tudo planejado, tudo planejado, tudo estruturado, e não é questão financeira Su, é questão cultural de organização, é só organização, claro que tu precisa de dinheiro para fazer as coisas, mas tu tem que fazer as coisas certas, se tu não te organiza não importa quanto dinheiro tu vai ter, tu perde aquilo tudo, e lá é tudo organizado.

S. R. – E tu pretende voltar um dia para o Brasil, como treinadora?

C. R. – Quem sabe Su, não sei. Com certeza, voltar para o Brasil com certeza eu quero, não me vejo assim, morando para sempre em outro lugar. Quem sabe, talvez...

P. J. – Como é a tua comissão técnica lá? Foi tu que montou? Foi o clube? Quantas mulheres tem além de ti?

C. R. – Tu sabes que na Europa eles estão querendo que o treinador faça tudo, a parte física, e... E eu tenho muita dificuldade na parte física porque eu não estudei, não posso ser prepotente e dizer “estou pronta para fazer isso”, eu me garanto na parte técnica e tática isso eu me garanto, então eu pedi para eles alguém, falei que “eu não tinha condições ainda, que eu preciso estudar”, já comprei livros, estou indo atrás, mas quando eu assumi não tinha como... Eu sei o que eu tinha que fazer, só que eu não sei até quando, quando que eu posso fazer resistência, quando que eu posso fazer força, quando que eu posso... Como que eu vou melhorar elas? Isso eu não tinha, então, eu pedi e eu tenho uma treinadora que ela é... Eles falam “condit training” lá, que é a treinadora de força e condicionamento, treinador de goleira, tem um treinador que... Lá eles fazem muito isso, eles ensinam a pessoa, tipo o atletismo, movimentação de como tu corre, eles tem, todos os times tem isso, não é um preparador físico, ele ensina as jogadoras como correr, postura essas coisas. Massagista, fisioterapeuta sou eu, e tem a treinadora de força que ela também é fisioterapeuta, preparador de goleiros, esse treinador de atletismo, e treinador de goleiro, é essa comissão.

S. R. – E tem mais alguma treinadora mulher na “Bundesliga”?

C. R. – Talvez uma, mas ela joga. Ela tem um time “Sun Burgenland”, ela treina, o pai dela é dono do time, ela joga e treina o time.

S. R. – São quantos times?

C. R. – A “Bundesliga” da primeira divisão são, aí Su... Dez, segundo divisão doze, eu treino os dois agora. Treino o time “A” e o time “B”, que não dá certo, eu já pedi um treinador para o time “B”, porque não tem como. E eu ainda faço o estágio com o sub-12. Então não tenho tempo para nada.

P. J. – E quem sabe, tu mesma comentou que tem uma série da mídia em cima do corpo das jogadoras, enfim, explorar esse... É outro lado que em nada interfere no futebol, como que é lá?

C. R. – Não existe isso, ninguém fala nisso lá.

P. J. – Mas, a mídia divulga os jogos de vocês?

C. R. – Sim, não é televisionado, mas quando a gente jogou a “Champions League”, foi televisionado para a Áustria inteira, todo final de semana assim, eles mostram os gols do final de semana, não que eles... Ao vivo, isso não, mas todos os resultados, tudo isso sim, no jornal sempre sai os resultados dos jogos essas coisas. Mas assim, essa coisa que tem que ser bonita, essas coisas não existem lá, eles não admitiriam uma coisa dessas lá. Não existe! Lá é tudo bem liberado, ninguém olha como a pessoa se veste, é uma educação. Como eu te disse, é outra cultura.

S. R. – Outra cultura.

P. J. – E as jogadoras lá elas tem alguma referência, ou são todas referências, por exemplo, Messi, Cristiano Ronaldo alguma coisa assim? Tem alguma referência...

C. R. – Feminina tu está falando?

P. J. – É.

C. R. – Elas gostam muito das jogadoras da Alemanha. Pode olhar... Se tu olhar o “Facebook” delas, só tem fotos do Bayer de Munique, essas coisas elas acompanham muito. Acho que talvez as minhas agora por serem mais novas, elas vão atrás, elas adoram, claro que tem o masculino, mas elas gostam muito das jogadoras, elas se espelham muito em mulher, mas muito isso e é muito legal, isso é bem legal. E teve, tem jogadoras que... Talentosas mesmo, e o clube fala assim para elas, “não, mas a gente quer vocês por mais tempo”, eu vou e falo assim “se vocês tem vontade de sair eu vou ajudar, mas na hora

certa”, eu vou totalmente contra, eu não acho certo, eu não seguro jogadora porque vai ser bom para mim, se a “guria” tem talento vai ficar jogando “Bundesliga” austríaca quando pode jogar “Bundesliga” da Alemanha, para que? Tem que deixar elas saírem, e eu ajudo muito elas nisso, teve um dia que fui com uma jogadora até a Alemanha, sem o meu clube saber. Ela falou que estava acabando a escola, ela é sub-19 já, e sem a minha ajuda ela iria de qualquer forma, então, porque é que eu não vou ajudar para saber para onde ela está indo? Ela iria, claro que o clube ia ficar chateado, eu fui sem o clube saber, o pai dela pediu para eu ir, eu fui lá conversei com o pessoal, quis saber como ia ser, e ela não quis ficar lá. Mas eu fui com ela. Fui para ajudar. Claro, não, isso não existe. Talvez isso eu vou perder, eu espero que não, mas a minha cabeça é muito como jogadora ainda, eu espero não perder isso. Porque se eu pensasse como treinadora, eu jamais faria isso, que treinadora levaria um jogador para um outro time? Nenhum, e eu tenho muito medo de perder isso.

S. R. – E tu vê alguma diferença de tratamento, por tu ser uma mulher treinadora?

C. R. – Lá?

S. R. – É.

C. R. – Não! Bem pelo contrário, para o femininos preferem mulheres lá. É que não tem treinadoras boas preparadas, mas para o feminino nenhuma. A treinadora da Alemanha é mulher, dos Estados Unidos é mulher, da Suécia é mulher. Tem ate um projeto da UEFA que eles estão obrigando cada comissão técnica masculina a ter uma mulher, e o projeto deles é para que todas as treinadoras de seleções na Europa sejam mulheres. É muito legal, muito legal.

S. R. – Para ser treinadora da seleção da Áustria tu precisa te naturalizar lá?

C. R. – Não, mas... Não sei, tem muitas coisas que eu não aceito sabe, então, imagina se eu já brigo no clube, imagina na Seleção, deve ser pior ainda. A gente vê muita coisa errada no futebol, mas não só no feminino, o futebol em si é muito complicado, não sei.

S. R. – Como treinadora tu não sofre tanta resistência, mas como jogadora tu te lembra de alguma situação que tu sofreu, algum preconceito ou alguma diferenciação por jogar futebol, ser mulher?

C. R. – Su, eu nunca passei por isso, eu já vi casos, mas eu nunca passei por isso, graças a Deus.

S. R. – Nem jogos? Estádios? Torcidas?

C. R. – Não, que eu me lembre não. E se aconteceu eu não devo ter levado em conta, sabe Su eu não gosto de falar porque eu acho que muita gente vai ficar braba comigo se eu te falar isso, mas eu acho que no feminino a gente se lamenta muito, tu só vê... “porque ninguém ajuda a gente, porque ninguém faz isso, porque olha só não tem mídia”, se a gente começasse pela gente, olha a postura de muitas jogadoras, e eu só vejo lamentação no “Facebook”, “se o Brasil apoiasse a seleção teria ganho”, tem que começar por cada um, eu vejo muita jogadora que faz muita coisa errada, que não gosta de treinar e coisa e quer exigir coisas do clube. Eu acho que a gente deveria parar de se lamentar, a gente sabe que é assim, a gente tem que colocar na cabeça que é assim e se a gente quer é assim. Claro, que se melhorar beleza, ótimo, mas todo mundo entra sabendo como é o feminino, então não adianta ficar só lamentando, se lamenta não faz nada, só exige que os outros façam. Cada um tem que começar por si e muita gente vai ficar braba se ouvir isso, mas tu nunca pode esperar que os outros façam por ti, tu sempre tem que começar, acho que desde a tua postura no treinamento, como tu quer exigir que quer que venha a mídia se a tua postura como... Não sei se devo falar isso, mas tipo eu vejo muito isso, vi muito isso na minha vida, jogadora saindo do jogo fazendo coisas que *não era hora de fazer*, como é que eu vou levar a minha mãe em um ginásio para ver um torneio, se chega lá e tu vê coisas que não é para fazer e essas mesmas jogadoras querem exigir que o futebol feminino melhore. Não importa o que tu gosta ou o que tu não gosta, isso o problema é teu, ninguém tem nada a ver com isso, só que a tua postura importa, complicado. Não só essa postura fora de campo, mas a postura dentro de campo mesmo, de treinamento, “eu quero receber tanto”, faz por onde. Acho que a gente se lamenta, claro que eu sei que é horrível, é ruim? É ruim, só que todo mundo que entra no feminino, entra sabendo disso, só que se faz é porque gosta mesmo, claro que a gente tem que lutar, tem muitas “gurias” que merecem, mas tem

muitas “gurias” que *não merecem*, que não merecem, que só exigem coisas e que não querem fazer por onde. É que a nossa cultura no Brasil é assim, a gente lamenta que tem corrupção, mais corrupto que a gente mesmo não existe, não existe, a gente só lamenta aqui, a gente não faz, a gente não age, é questão da nossa cultura, não é só no feminino, é nossa cultura mesmo.

S. R. – Liése tem algo que a gente não tenha te perguntado, ou algum outro momento assim de destaque que tu queria falar?

C. R. – Acho que não Su, só queria agradecer vocês, muito legal. Porque isso pode ajudar muito o futebol feminino, isso que vocês estão fazendo, continuem não desistam.

S. R. – A gente espera [risos]. Então, muito obrigada de novo!

C. R. – De nada.

[FINAL DA ENTREVISTA]